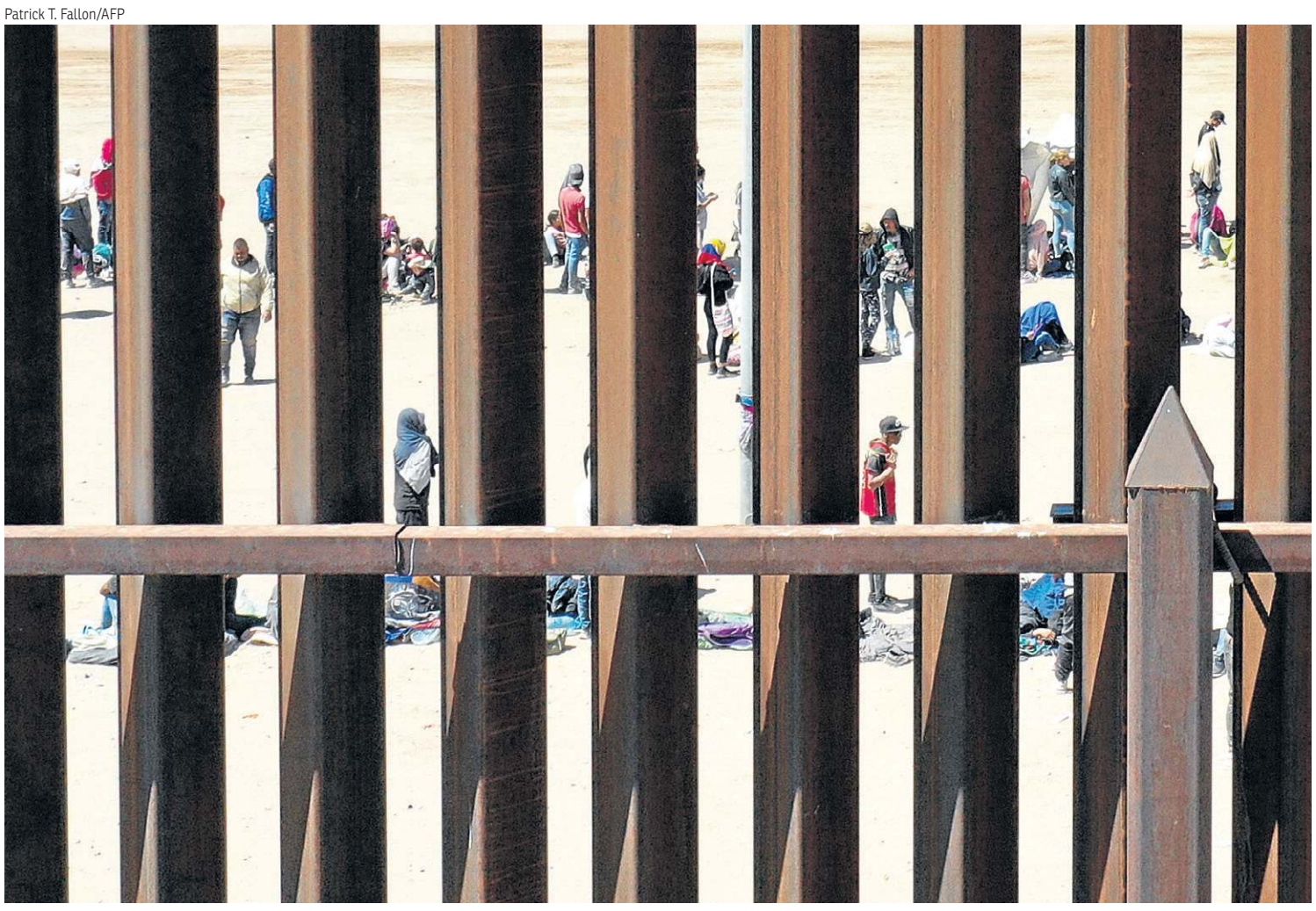
ESTADOS UNIDOS

Rigor na nova era migratória

México anuncia redução no número de estrangeiros ilegais na travessia da fronteira, horas após o fim do Título 42, norma que previa a deportação automática. Nova política restringe asilo e veta a entrada por cinco anos. Especialistas avaliam mudanças

» RODRIGO CRAVEIRO

Patrick T. Fallon/AFP



Migrantes aguardam as audiências de asilo ao lado da cerca que divide o México dos EUA, em El Paso, no Texas: tempos de incerteza

A adoção de uma política migratória mais rígida provocou uma queda no número de estrangeiros não documentados que tentam atravessar a fronteira entre o México e os Estados Unidos. "O fluxo diminuiu. Não tivemos confrontos nem situações de violência na fronteira", declarou o chanceler mexicano, Marcelo Ebrard. Ele assegurou que, nas cidadades fronteiriças de Matamoros e Ciudad Juárez, não houve alteração no número de migrantes. Também descreveu a situação como "calma" e de "normalidade". Às 23h59 de quinta-feira (0h59 de ontem em Brasília), o chamado Título 42 — norma que previa expulsão automática de migrantes ilegais dos Estados Unidos — deixou de vigorar e deu lugar ao Título 8.

Os migrantes detidos sob a nova norma poderão ser expulsos, ficarão impedidos de acessar o asilo e estarão proibidos de regressar aos EUA pelos próximos cinco anos. Além disso, responderão a processos judiciais. De acordo com o jornal *The New York Times*, milhares foram detidos e revistados pela Patrulha da Fronteira e aguardavam o processamento. As cidades de El Paso, Laredo e Brownsville, no Texas, declararam estado de emergência na noite de quinta-feira.

Durante a entrevista coletiva de Ebrard, o governo do México divulgou que 26.560 migrantes aguardam, nas principais cidades fronteiriças do norte do país — 10 mil em Ciudad Juárez; 7 mil em Reynosa; e 5,5 mil em Matamoros. Outros 4.060 estão distribuídos por Tijuana, Ciudad Acuña, Piedras Negras e Nogales. Na quinta-feira, Alejandro Mayorkas, secretário de Segurança Interna dos EUA, avisou: "Nós somos uma nação de imigrantes, mas também somos uma nação de leis". Ele alertou que as fronteiras norte-americanas "não estão abertas", ao denunciar mentiras dos "coiotes", os traficantes de migrantes ilegais.

Ernesto Castañeda, diretor do Centro para Estudos Latinos e Americanos da American University (em Washington), admitiu ao **Correio** que os incentivos das autoridades dos EUA para que migrantes ilegais não se apresentassem na fronteira funcionaram após a expiração do Título 42. "No primeiro dia, eles evitaram grandes grupos pedindo asilo e coibiram a imagem de caos." Segundo Castañeda, as novas regulamentações darão mais tempo à Imigração dos EUA para processar os migrantes, um a um ou uma família por vez. "O desafio será registrar as dezenas de milhares de pessoas em trânsito com os novos mecanismos estabelecidos. Os funcionários do governo norte-americano precisarão ser pacientes, flexíveis e engenhosos, como normalmente os migrantes o são", comentou.

Por sua vez, Yalidy Matos — cientista política da Rutgers University (Nova Jersey) e especialista em política migratória — afirmou que, apesar de a Casa Branca ter previsto um caos na fronteira, houve uma pausa nessa projeção catastrófica. "Mas é preciso contextualizar que o plano do presidente democrata Joe Biden tem sido colocado em prática durante meses, em antecipação ao fim do Título 42."

Caos em outros países

Yalidy apontou que o Título 8, que substitui a norma expirada, se estabelece como proibição de asilo, o que potencializa o caos no México e em outros "países de trânsito". "O verdadeiro caos está nas dificuldades e na violência enfrentada pelos migrantes, enquanto tentam chegar a um lugar seguro apenas para encontrarem uma política que exige acesso a um aplicativo (CBP One) e a uma conexão wifi. A maioria será rejeitada de todas as maneiras", acrescentou Matos.

Em El Paso (Texas), na fronteira com o México, o jornalista e ativista mexicano Irineo Mujica Arzate, diretor da ONG Pueblos Sin Frontera, contou ao **Correio** que viu muitos migrantes processando a documentação sob o Título 8. "As pessoas têm sido levadas à noite, em ônibus, para o processamento. Algumas são liberadas e recebem um documento; creio que depois são aconselhadas a abandonar a região. É impossível saber quantas foram deportadas hoje (ontem). A grande maioria dos migrantes acabou detida", afirmou.

Segundo Arzate, com medo da deportação, muitos ilegais decidiram esperar a audiência, por meio do CBP One. "Posso dizer que muitos funcionários do governo Biden têm feito um grande esforço para registrar todas as pessoas. Na área de El Paso, há muitos migrantes, que esperam os papéis para não serem expulsos pelo Título 8."

Eu acho...



Arquivo pessoal

"Biden enfrenta grandes desafios no que diz respeito à política migratória, especialmente quando se prepara para apresentar a candidatura à reeleição, em2024. Estou seguro de que tanto os republicanos quanto os democratas utilizarão a imigração como uma forma de assinalar uma liderança ineficaz. O desafio de Biden é ter políticas que sejam humanas. As atuais não são as melhores."

Yalidy Matos, professora de ciência política da Rutgers University (Nova Jersey) e especialista em política migratória

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Vizinhança na gangorra

Se a troca de comando no Planalto parecia consolidar uma virada para a esquerda na América do Sul, duas eleições recentes e uma em começo de campanha sugerem que a região oscila em uma gangorra política. No Chile, pouco mais de um ano depois de empossado, o presidente Gabriel Boric viu sua coalizão derrotada pela extrema-direita na disputa pela Constituinte. No Paraguai, onde uma versão local de Bolsonaro foi a novidade nas urnas, o Partido Nacional (Colorado) manteve sua hegemonia quase absoluta de sete décadas.

Boric coleciona reveses desde que venceu a corrida pelo Palácio de La Moneda, ainda em 2021. Primeiro, foi a recusa de 60% dos votantes à Constituição redigida por uma convenção de ampla maioria esquerdista para substituir o texto legado pela ditadura do general Augusto Pinochet. O novo organismo eleito para reformular a Carta terá como principal força uma legenda pinochetista, com bancada suficiente para bloquear sozinha qualquer proposta e com maioria folgada somada à direita dita tradicional.

Mercosul na balança

No Paraguai, o fenômeno eleitoral foi Paraguayo Cubas, um ex-senador que perdeu o mandato há alguns anos, depois de postar um vídeo no qual falava em "matar 100 mil brasileiros e bandidos". Agora, como candidato a presidente, conquistou 23% dos votos, próximo do resultado obtido por uma ampla coligação de centro-esquerda.

A permanência no poder dos colorados frustra os esforços de Lula e do colega argentino, Alberto Fernández, para fazer pender a balança no quarteto do Mercosul. Em outubro, a Casa Rosada é que estará em jogo, e o titular peronista, castigado pela inflação galopante e pelo desemprego, nem sequer tentará a reeleição. Faltando ainda cinco meses para a votação, e com a campanha nos lances preliminares, o cenário parece favorecer o retorno da direita. E, também lá, ganha corpo a candidatura de um autoproclamado "anarcocapitalista".

Fronteira norte

Também no extremo oposto das fronteiras a vizinhança dá sinais de instabilidade. O primeiro esquerdista eleito presidente da Colômbia, o ex-guerrilheiro Gustavo Petro, troca disparos com militares reformados nas redes sociais praticamente desde que tomou posse, em agosto de 2022. Reingressado na vida civil há três décadas, Petro começou o mandato dando baixa na cúpula das Forças Armadas, tida como alinhada ao ex-presidente direitista Álvaro Uribe — que governou por oito anos sob o lema de "guerra total" à guerrilha de esquerda.

No Equador, é o governo de direita do presidente Guillermo Lasso que se equilibra na cordabamba. Depois de ter enfrentado ondas de protesto social, ele terá pela frente mais um processo de impeachment, instalado pela Assembleia Nacional na semana que se encerra. Já no ano passado, Lasso sobreviveu a um julgamento político — por escassos oito votos. A oposição de esquerda acusa o presidente de peculato em contratos firmados quando presidia a estatal Frota Petroleira Equatoriana (Flopec), entre 2018 e 2020.

Ponte para Kiev

Foi em meio a esse cenário de caleidoscópio que o assessor especial de Lula, o embaixador Celso Amorim, discutiu com o presidente Volodymyr Zelensky a possibilidade de um encontro de cúpula Ucrânia-América Latina. Em visita a Kiev, o emissário do Planalto expôs ao anfitrião a iniciativa de paz lançada pelo presidente logo no início do mandato. A ideia é articular um grupo de países neutros que se disponham a conversar com russos e ucranianos sobre a abertura de um diálogo direto em busca de uma solução para o conflito iniciado há mais de um ano.

Nome aos bois

Nas discussões e mesmo no noticiário sobre as movimentações da diplomacia brasileira, é comum encontrar a palavra "mediação" para classificar a iniciativa do Planalto. A rigor, o mediador tem um papel distinto: com anuência das partes, ele escuta as razões de cada uma, pondera e sugere linhas para um acordo — um ponto médio, como o nome indica. O exercício tentado por Lula atende melhor ao conceito do "facilitador", que procura construir pontes para propiciar conversações diretas entre os adversários.